

NOTÍCIAS DE GUIMARÃES

SEMANÁRIO DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO

Redacção provisória:
F. Francisco Agra, 63—GUIMARÃES

Director e Editor — **Antonino Dias de Castro**
Chefe de Redacção — **Eulides Sotto-Mayer**

Administração, Comp. e Impressão
Rua Monsenhor — 3 A 3 E

João Franco

O sr. Dr. Pires de Lima em uma conferência feita na Sociedade Martins Sarmento, em 1931, disse isto:

«João Franco voltou um dia as suas atenções para Guimarães. E aquele beirão rude, mas sincero, aquele português de rija tempera, que tantos serviços prestou à instrução, nunca mais desapareceu da memória dos vimaranenses, mesmo depois de caído, mesmo quando exilado.

Dobados uns lustros, seculos na memória embotada dos homens, João Franco passou desta vida, mas o seu nome ainda está bem vivo aqui; ainda é recordado todos os anos!

Bela lição de coerência e de carácter!»

E enganou-se redondamente o sr. Dr. Pires de Lima! Os franquistas vimaranenses, se tivessem uma perfeita admiração por João Franco, ter-lhe-iam erigido um busto numa praça pública, aproveitando até para um melhor êxito a aura de simpatia que envolveu, em todo o país, o nome desse homem público.

Não o fizeram na melhor oportunidade e não o farão, já agora.

Morreu, esqueceu!

Se o civismo dos dirigentes franquistas entre nós fôsse de pura água, não deixaria de produzir essa demonstração — tanto mais que era isso tarefa fácil, tantos e tam entusiastas eram.

E' evidente que os antigos dirigentes da falange franquista não gostam que se venha à imprensa dizer da falência dos seus sentimentos de veneração para com o seu... idolo.

Pois tenham santíssima paciência; mas não podem ser perdoados, visto que nem sequer corresponderam ao manifestado desejo da massa partidária vimaranense que, em sessão pública, logo após a morte de João Franco, ofereceu a sua solidariedade e a sua cooperação àquelles que tomassem a iniciativa de um monumento ao seu saudoso chefe.

A lèria de proclamados receios de que os jacobinos(?)

podiam atentar contra a sua obra, foi um inabil meio de alcançarem justificação à sua fraqueza de vontade.

Não! Os jacobinos (?) bem viram o côro de louvor e de justiça que na hora em que João Franco desceu ao túmulo, dimanara de todos os lados.

A refrega da luta, passou há 33 anos. A onda cacheante das paixões, succedeu-se a reflexão.

João Franco é uma figura da História. E a História não se escreve na vida daquêles que nela tem um lugar.

Digo aqui, para que bem me oíçam: Acho tam pouco lisongeiro o procedimento dos antigos dirigentes do franquismo vimaranense para com a memória de João Franco e aquela homenagem que a êle lhe deviam, que chego, francamente, a duvidar da respeitável afeição política desses homens, os quais pelo seu procedimento parecem querer dar razão aos que, do outro lado da barricada, negavam e ainda hoje negam ao antigo e ardoroso deputado por Guimarães a sua tam apregoada folha de serviços!

Bem quizeram que, quando o sr. Dr. Pires de Lima, vendo as coisas pelas apparencias, proclama como «bela lição de coerência e de carácter» o franquismo apregoado dos vimaranenses, na realidade nenhum motivo de reparo houvesse a fazer; pois é sempre mais agradável ao espírito aclamar, dizendo neste caso local aos naturais e aos estranhos: que sendo tam da gema os franquistas vimaranenses, nem sobre si teve império a morte do seu tam idolatrado e saudoso chefe.

Mas os factos são factos!

A. L. de Carvalho

Dr. Mariano Felgueiras

Passou no dia 8 do corrente o aniversário natalício do nosso illustre conterrâneo sr. Dr. Mariano Felgueiras, que muito tem trabalhado por Guimarães.

Os seus amigos e admiradores enviaram-lhe para Paris, onde S. Ex.^a se encontra, um telegrama de afectuosas saudações.

ALERTA

III

Damos, a seguir, publicação ao terceiro artigo que o nosso presado colega «Maria da Fonte» publicou sobre a pretensão de anexação da freguesia de Donim à Póvoa de Lanhoso:

«Analizado o problema pelo lado social e económico, resta encarar-lo pelo lado político, que traz, para Guimarães, vantagens dum altíssimo valor.

Guimarães é concelho de 1.^a ordem e comarca de 1.^a classe; é cidade industrial e comercial de renome; os seus linhos e atoullados não tem rival; os seus cortumes superiorizam os melhores do país; as suas ferramentas, os aços, a cuteleria, são dos mais afamados e disputados.

Guimarães é o berço da nacionalidade; tem o seu vetusto castelo e o antigo quartel; tem a sua catedral que encerra riquezas sem par e alberga o «pelote» com que D. João I entrou na batalha da Aljubarrota; tem engastada em si, como joia maravilhosa, a Penha; possui vários solares, dos mais remotos tempos, entre os quais avulta e sobressai o velhíssimo palácio dos Duques de Bragança.

Guimarães é servida por caminho de ferro; tem fábricas que são o seu orgulho; tem o seu incomparável museu Martins Sarmento; tem hospitais e asilos; tem o seu liceu; tem escolas primárias e a escola industrial Francisco de Holanda; as suas igrejas são verdadeiros monumentos e a do Campo da Feira, então, é um verdadeiro museu de alfaias religiosas; a sua corporação de bombeiros voluntários é das mais briosas, desde longa data; tem monumentos e jardins; tem uma secção da G. N. R. e policia civica.

Foi de Guimarães que D. Afonso Henriques partiu para o norte e para o sul e, a golpes de montante, alargou e dilatou a nacionalidade, subjugando o mouro até aos confins do Algarve.

Só por esta razão, Guimarães, quando não por outras, deve merecer-nos um profundo respeito e tão grande admiração que a ponham a coberto de cubica irrefreada duns e dos desejos inconciliáveis doutros.

Guimarães necessita, para manter as suas tradições dum passado honrado e o seu prestígio de cidade de 1.^a ordem e concelho de 1.^a classe, que a considerem intangível e lhe não fragmentem o seu concelho, tirando-lhe a sua Donim, que é muito sua, e que, apesar da distância a que fica da sede do concelho, considera uma filha das mais diletas.

Seria esfalçar-lhe a alma e dilacerar-lhe o coração. e Guimarães não merece nem provocou semelhante afronta.

Não se espantem os conterrâneos povoenses da nossa admiração por Guimarães. E' que, se somos povoense por ter nascido em Louredo, somos, por afinidade, vimaranense, por a nossa infância ter corrido em Donim,

EULIDES SOTTO-MAYER

A TUA CARTA

Rasgaste a carta que me enviaste um dia,
Numa hora dorida, de Saudade,
Falando dessa limpida amizade
Que as nossas almas docemente unia.

Rasgaste-a, rindo, indiferente e fria
Ao que nela dizias de verdade:
— Pois eu bem sei que era realidade
Tudo que, então, teu coração sentia...

Recordações queridas e saudosas,
Palavras tristes, frases dolorosas,
Tudo rasgaste indiferente e calma,

Sem te lembrares, com amargo fel,
De que assim não rasgavas só papel,
Mas, sobretudo, a tua própria alma!

Arquivo M. de Guimarães

Do Ex.^{mo} Sr. Rodrigo Pimenta, recebemos, há dias, a seguinte carta:

... Sr. Director do «Noticias de Guimarães»

No ultimo numero do seu bem redigido semanário, vem uma afirmação a propósito do Arquivo, que me cumpre esclarecer, para evitar equívocos. O Arquivo ainda não pôde ser franqueado ao publico, pela simples razão de que não tem catálogos que facilitem a consulta dos documentos.

Estou a organizar esses catálogos e já lhes dei principio.

Lógo que o Arquivo da Colegiada esteja catalogado, será posto á disposição dos interessados.

Na mesma notícia, refere-se V. ao meu apagado nome, em termos que eu julgo exagerados. Apenas sou, e nada mais, um cumpridor rigoroso das minhas obrigações, esperando que, com o andar dos tempos, as provas das minhas qualidades de trabalho se tornem patentes, como já o estão sendo na Biblioteca da Sociedade Martins Sarmento.

Se eu conseguir completar a catalogação d'esta riquissima Biblioteca e organizar a do Arquivo Municipal de Guimarães, creio que já alguma obra util deixarei aos estudiosos da minha terra. Mas dê-mos tempo ao tempo.

Agradeço-lhe muito, Sr. Director, as palavras de estímulo que me dirigiu, e pela publicação desta carta me confesso

De V...

RODRIGO PIMENTA.

levando-nos a Guimarães, mais tarde, para ali nos serem dadas as primeiras fatias do pão do espírito, sob a direcção dos professores Manuel Maria Fructuoso, Arnaldo Alves Torres e Padre António Garcia, no Asilo de Santa Estefânia, de grata memória e saudosa recordação. E, parecendo que não, temos a consciencia de que com o nosso modo de ver, prestamos um serviço à Póvoa; o tempo o dirá. Povoense e justo; vimaranense e grato. — Manuel da Fonte».

O Pintor Abel Cardoso

A Comissão Administrativa da Câmara Municipal adquiriu um quadro deste pintor vimaranense, destinado ao Museu Alberto Sampaio.

Sempre os Municípios procuram honrar os seus Artistas e, uma maneira eloquente e pratica de o fazer, é certamente a de adquirir nos ateliers dos mesmos uma das melhores produções do seu talento.

Se há, pois, que lastimar, é que o Município não tivesse podido distinguir o Pintor vimaranense, fazendo-lhe aquisição de um dos seus trabalhos de mais pujança e alta concepção artistica. — uma das suas telas de mais relevo empolgante, pois havia no atelier da Rua Serpa Pinto uma galeria com margem para isso.

Se fizéssemos um inventário das obras de arte que têm sido adquiridas, por compra, aos artistas portugueses, pelos Municípios, e destinadas a guarnecer as salas dos Paços do Concelho e os jardins publicos, teriamos não só registado um grande numero, mas, simultaneamente constataríamos que, no maior numero dos casos, essas aquisições são feitas com o objectivo especial de honrar a Arte e os Artistas portugueses.

Fêz bem, portanto, a Com. Adm. da Camara Municipal de Guimarães em adoptar uma forma de homenagem muito dignificadora e inteligente; simplesmente o Pintor Abel Cardoso, o Artista vimaranense, tinha no seu atelier telas de mais rasgada e forte concepção, —embóra se diga que, com verdade, o valor duma pintura não está nas proporções do quadro, mas na técnica da sua execução.

Eis porque, em todo o caso não deixa de haver motivo para felicitações: ao Município e ao Artista.

O Carnaval

O Carnaval passou sem ninguém dar por ele. Ainda bem. Morreu sem deixar saudades. Que o lixo lhe seja leve.

SEM MONÓCULO...

PELA AVENIDA ABAIXO

Tinha eu ficado, como vinha dizendo na minha passada crônica, na estação do C.º de Ferro, a lutar com alguns moços de freies (sem ser a *murro*, bem entendido!) que a força me queriam tomar conta da bagagem, quando é certo se limitava à minha bengala e a um caderno de apontamentos de que, a todo o momento, havia de carecer... Para mais facilmente me deslindar deles, introduzi-me numa das dependências da estação (suponho que era o gabinete do Sr. Chefe) e pedi licença para telefonar requisitando um automóvel, por não ver nenhum à saída. Como me respondesse que não havia ali telefone, fiquei espantado e tive, confesso, uma fraca impressão a respeito de comodidades na terra que visitava. Não perdi tempo em comentários, que decerto estorvavam as ocupações do Sr. Chefe, que nada devia ter com isso, e puz-me a caminho.

Ao transpor a porta de saída, logo, por este constante espírito de análise que me não larga, voltei os olhos para um e outro lado, achando o caminho natural para a cidade quasi em frente. Antes, porém, de o tomar, detive-me um pouco num insignificante pormenor que se me oferecia olhando para a esquerda, no prolongamento da estrada que alinha com o edifício da Estação, e me disseram que conduzia ao Castanheiro: —um reaque de árvores desengraçadas ladeavam a mesma estrada, separando-a dum montão de estulto e detritos de vária espécie, numa faxa de terreno que muito bem devia ser aproveitada no alargamento daquela artéria, com os respectivos passeios identicos aos das avenidas circunvizinhas.

Adiante. Como os prédios eram poucos por ali assim, a vista alcançava a cidade em anfiteatro, com o seu Castelo ao fundo, em graciosa colina. Nesse primeiro aspecto geral nada me impressionou desagradavelmente, a não ser uma torre pesadíssima, em ares de basilica, erguendo-se ao meio da cidade. Que deplorável contraste entre esta torre de linhas duras e as duas esguias e delicadas torres que, para nascerem, se desenhavam além. Mas já os meus olhos se afastavam do panorama citadino para de todo se embeberem na contemplação duma nobre construção à lreita, cercada de formosos jardins e encimada com pedra de armas: tratava-se positivamente duma casa fidalga, do século XVIII pelo visto. Logo parei junto do primeiro portal que dava para o passeio da Avenida, lamentando cá comigo mesmo a falta de obediência ao estilo dominante. Depois meus olhos prescrutaram o interior e viram um lago de cimento que, sendo uma novidade, igualmente sofria do mesmo pecado: fitaram o arvoredor que devia ter sido belo, mas estava tristemente mutilado; repararam numa enfiada de janelas em desenfiteado apêndice ao antigo palacete; pousaram nos elegantes terraços divididos por curiosas balaustradas e ligados por lindas escadas de dois lanços, com velhos azulejos; sonhando, enfim, decortinar, não através da fria folhagem das palmeiras, mas por entre os mais copados arbustos florindo dentre os canteiros de buxo, aquela aparatosa habitação doutros tempos, ornada pela face que deita para os jardins com estátuas de Reis, altivos nas suas peanhas graníticas. Evidentemente, o culto da Arte não pode merecer a todos nós, por igual, a mesma devoção, porque se entende que o nosso pensamento não caminha sempre para a mesma finalidade e estas subtilidades de gosto não estão, umas vezes ao alcance de magras bolsas, outras ve-

Planta do novo Mercado

Vimos o *croquis* e as plantas do novo Mercado Municipal.

Honram, em verdade, o arquitecto — que foi o sr. Marques da Silva.

Obra de uma esplendida concepção artística, representa acima de tudo um admirável trabalho de arte decorativa, na mais equilibrada e perfeita harmonia de linhas.

O projecto que corresponde perfeitamente às necessidades de um mercado moderno, deixa-nos a impressão do que vale o progresso em Arte, quando aquêle que o realiza tem a capacidade intellectiva de um Mestre, como o professor laureado sr. Marques da Silva.

Nada falta, à nossa modesta maneira de interpretar e lêr uma planta, que ali, nesse projecto, não vejamos devidamente tratado.

Felicitemos, pois, o distinto Arquitecto, e a Com. Adm. da Camara que ao projecto promete dar efectivação, dentro em breve.

Guimarães terá assim ensejo de patentear ao país um Mercado Publico, original e artístico.

Agradecendo

A todas as pessoas que se nos tem dirigido louvando a nossa attitude na defesa dos interesses de Guimarães, attitude que manteremos sempre, agradecemos muito reconhecidos as amabilissimas referencias.

Muito e muito obrigados.

zes não despertam o necessário interesse a quem poderia usar delas. Não quer isto dizer que vamos mandar *na casa dos outros*, respeitando quem lá habita e os seus desejos — não podendo levar-se a mal, contudo, que emitamos a nossa opinião. Demais a nossa intensão é *unicamente* apreciar o que vemos, sem que nessa apreciação queiramos de nenhum modo censurar o que cada um faz. Criticamos os factos, abstraindo completamente das pessoas. Ninguém de boa fé pode obstar a que cada um de nós veja *com os seus olhos*, apreciando as coisas com o seu entendimento. Só assim somos sinceros e a nossa opinião vale.

Mas vamos seguindo a nossa derrota, porque o tempo urge e apesar de eu não tencionar visitar por enquanto mais terras do país com o mesmo fim, quero, nesta digressão ao Berço da Nacionalidade, deixar assinalada a minha passagem, se bem que de vera viajar incógnito, para mais destemidamente dizer o que sinto, talando sempre pela linguagem da Verdade. Agora já é tarde para me *mascarar* e, conquanto estejamos em vésperas de Carnaval, aborreço-me tapar a cara! Graças a Deus, os meus credores são poucos e com pouco se calam, não vale a pena incomodar-me com isso. De resto, os meus amigos sabem (também tenho ou julgo ter amigos por cá), o que a mim me importa, desta feita, é o progresso da *vossa* terra e o respeito e conservação de suas tradições e monumentos, que são legítimos títulos de glória que ela ostenta.

Até breve, pois não levará muito que nos encontremos no Toural, que me dizem ser o ponto *chic* dos *rendez-vous* (vá lá um bocadinho de francês!).

JERONIMO D'ALMEIDA

Pergunta
que tem razão de ser

Se ainda pertencesse ao numero dos vivos, faria ontem 74 anos o Conselheiro João Franco, o homem publico que nos ultimos tempos mais favores dispensou á nossa terra, e autor das *Cartas D'El Rei D. Carlos I a João Franco* *Castelo Branco, seu ultimo presidente do Conselho*, que o nosso antigo deputado dedicou *A' Cidade e Povo de Guimarães*.

Recordando o nome de João Franco, cumprimos um dever que nos é grato ao nosso coração agradecido.

E a propósito seja-lhes lícito perguntar:

Quando terá início a subscrição para o monumento aquêle que a Guimarães tantos e tão relevantissimos favores dispensou?

Dignai-vos responder-nos, dedicados *frankistas*!

Respondei-nos, por favor, velhos representantes do nunca olvidado GRUPO DOS ENTUSIASTAS!

SOFISMANDO A LEI

Quando as disposições de uma Lei vão de encontro aos desejos de qualquer pretensão que determinadas creaturas pretendam realizar, eis que logo aparece a *sofisma* e o *truque*.

Se bem que o mal já venha de longe, um caso recente acaba de confirmar — mais uma vez, este triste e condenável raciocínio. Queremos-nos referir ao caso passado, ultimamente, em Urgezes — e que já é do conhecimento da opinião pública — a abertura de uma taberna contigua á Escola «Francisco dos Santos Guimarães». Teríamos de importunar os nossos illustres leitores se tivéssemos de relatar, por miúdo, tudo o quanto se passou acerca das tentativas que o interessado fez para conseguir o seu fim, e, por isso, limitamo-nos a confirmar o que já está devidamente esclarecido, isto é, que foi requerida uma licença para a abertura dum restaurante, somente para ILUDIR a Lei. Não é, pois, um restaurante que existe em frente da referida Escola, porque não é esse o ramo de negócio que lá se explora. Por quanto alguém — principalmente o próprio interessado — considere legal a existência do *pseudo-restaurante*, simplesmente porque a licença foi passada para esse fim, isso não passa duma *ingenuidade audaciosa*, atendendo a que contra os factos não há argumentos. Além disso, julgamos que o funcionamento dum restaurante não depende apenas da aquisição de uma licença e do pagamento da respectiva contribuição, mas depende também do cumprimento das doutrinas disposições da Lei.

Mas mesmo que nada mais fosse preciso, seria de toda a justiça que se averiguasse sobre o processo como *aquilo* funciona, visto que simplesmente se *vende vinho ao copo* — e naturalmente também à *caneca* — tudo isto acompanhado de certos jogos, próprios duma *muito verdadeira* taberna!!!

Ora, é isto que não podemos de forma alguma — tolerar-se em frente duma Escola, lugar onde as criancinhas vão cultivar a sua intelligencia por meio dos primeiros conhecimentos que ali lhes são ministrados. A Escola, que é um templo donde irradia a luz que há-de orientar na senda da vida os cegos do entendimento, não pôde *compatibilizar-se* com a taberna, que é, na maioria dos casos, a geradora dos maiores vícios e dos maiores crimes.

Fechar uma taberna em benefício da educação da infancia é um dos actos mais nobres e mais humanitários.

UM AMIGO DA INSTRUÇÃO

GIL VICENTE

e os Alunos da Escola

Técnica de Guimarães

Uma representação que a Associação dos Alunos dirigiu ao Conselho Escolar:

Ex.^{ma} Sr. Director da Escola Industrial e Comercial «Francisco de Holanda»: — A Direcção dos Alunos da Escola no empenho de contribuir para a maior prestigio do estabelecimento de ensino técnico que V. Ex.^a dirige e ainda o de promover um acto colectivo que sirva ao desenvolvimento de «espírito escolar» entre os alunos, ousa dirigir-se a V. Ex.^a, expondo-lhe o seu pensamento:

Quando em 1834 foi decretada a criação da escola, não foram certamente os vimeanenses quem designaram para patrono da mesma o nome illustre, mas sufficientemente ignorado de — «Francisco de Holanda».

O escritor e mestre insigne da pintura antiga, sendo embora um vulto de maior relevo nos domínios da Arte, nos inícios do século XVI, á altura de merecer todas as consagrações, nem por isso é a nós vimeanenses que nos cumpre esse dever, enquanto não o tenhamos cumprido para com aquêles que, sendo filhos da nossa terra, dos seus conterrâneos tenham jus a aguardar o preito de uma homenagem póstuma.

Para mais, avulta a circunstância de, na pleiade das figuras notáveis dos filhos de Guimarães, existir uma que a todas se sobreleva em grandeza mental e beleza artistica — Gil Vicente!

Não ignoramos que este vulto singular que encheu de deslumbramento a historia da literatura portuguesa no século XVI, é ainda hoje grande assunto de controversia; porquanto, nem todos os seus biographistas lhe acertam a terra do seu nascimento e a característica dualidade de — «Poeta e Ourives».

Estes libelos literários, todavia, deixam por si mesmos, dar relevo a estas razões de ordem:

a) O maior numero de escritores, destacadamente Teófilo Braga, Anselmo Bramcamp, Carolina Michaëlis de Vasconcelos, indicam como pátria natal de Gil Vicente — Guimarães.

b) Os melhores estudos genealógicos e biográficos sobre Gil Vicente, dão-no filho de família de proletários.

c) Os mais autorizados historiadores e vicentistas, concordam que Gil Vicente «Poeta» e Gil Vicente «Ourives», são a mesma pessoa.

d) Guimarães foi até ao século XVIII um notável centro de «ouriveiros» e a terra portuguesa então mais propicia a gerar um vulto de semelhante grandeza nos domínios da literatura e da arte.

Com estes fundamentos, e atendendo á circunstância de Gil Vicente ainda não ter recebido entre nós um testemunho de homenagem á altura da sua glória, eis porque vimos juntos de V. Ex.^a, Senhor Director, expor o que se nos afigura digno de ser positivado pela nossa Escola:

a) Alcançar do Ministério da Instrução Publica que fôsse dado para patrono da nossa Escola o nome de Gil Vicente — «Poeta e Ourives».

b) Tomarmos a iniciativa, de acordo com as instituições desta cidade, de erigir um monumento a Gil Vicente.

c) Adoptar o dia 8 de Junho como o dia solene e festivo da Escola, pois que já em homenagem a Gil Vicente foi escolhido para feriado do concelho.

Sociedade Protectora dos Animais

Em sessão ordinária desta colectividade, foi apresentada, pelo seu respectivo presidente, a seguinte proposta, que foi aprovada, por unanimidade:

«Considerando que o guarda da P. S. P. n.º 38, António Maria Tinoco, em serviço na esquadra de Guimarães, tem sido muito cumpridor e zeloso em tudo que diz respeito á fiscalização dos maus tratos applicados aos animais; considerando que este guarda nunca se negou, mesmo nas suas horas de folga, a prestar o seu concurso aos membros da Direcção; considerando que é de toda a justiça tomar a devida consideração aos seus valiosos serviços; considerando ainda que esta Direcção já resolveu, em tempo, estimular, por uma gratificação, os guardas que mais se evidenciassem nos serviços de protecção aos animais, proponho: (Que ao referido guarda seja dada a gratificação de 50 escudos, e que lhe seja passada uma cópia desta proposta, ficando autorizado a utilizá-la, para os fins que lhe convier».

Um pedido justo

Diversos moradores da rua Gravador Molarinho, em abaixo assinado dirigido á junta de freguesia de Nossa Senhora da Oliveira, reclamam a colocação duma Lampada na entrada da mesma rua, junto a um portal que ali existe, conhecido pelo portal do «Atlético».

A bem da moral pública e para evitar transgressões ao Código de posturas, é justo que a Ex.^{ma} Camara atenda a petição que, por intermédio da Junta de freguesia, lhe dirigem os moradores da Rua Gravador Molarinho.

Demais:

E' de nosso conhecimento que a Escola Industrial e Comercial de Setubal, fez substituir há pouco de seu titulo e nome de Gil Vicente, para adoptar o de um setubalense — o pintor João Vaz.

Regeitado, portanto, pelos estranhos o nome de Gil Vicente, seria oportuno e ter-se-ia como uma *lógica correcção*, o facto de ser por nós, vimeanenses, erigido á alturas de patrono da nossa Escola.

Ao superior critério de V. Ex.^a e do illustre Conselho Escolar pedimos licença para apresentar estas sugestões, aguardando prévio assentimento ás mesmas, na confiança de assim prestarmos bom serviço á Escola. — A V. Ex.^a, respeitosos cumprimentos de — Saude e Fraternidade. — A Direcção.

O Conselho Escolar apreciando em uma das suas reuniões o pedido dos alunos da Escola, deliberou apoiar a sua intelligente iniciativa, fazendo para isso chegar ao Senhor Ministro da Instrução a petição necessária.

Igualmente com o mesmo objectivo se dirigiu ao Senhor Ministro a Associação dos Alunos, fortalecendo a representação da Escola.

E' muito louvável o *espírito bairrista* dos rapazes da Escola Técnica de Guimarães, sendo de esperar que a sua aspiração triunfe, pois não lhe faltará o estímulo da população vimeanense.

Um intrusão

Todas as segundas-feiras e todos os sábados costuma aparecer por aí, pelas ruas da cidade, um *pobre*, todo lamuriento, a importunar toda a gente para que lhe deem um *tostãozinho*, pois não o pode ganhar...

Não ouve nada... nada... nada!...

Surdez assim, nunca se viu!... Pois este mouco—afirma-o testemunha ocular—vive em tão precárias circunstâncias que até chega a emprestar dinheiro a juro!

Há testemunhas de o verem, numa taberna, que fica para os lados das Taipas, na do Pimenta, a emprestar quinhentos escudos!

E anda este intrusão por aí a prejudicar os pobresinhos que o são de verdade e pessoas envergonhadas que lutam assustadoramente com a miséria!

Para bem dos verdadeiros necessitados e para que o *lapinto* não continue com as suas choramingsas a ludibriar as pessoas de coração e amigas de protegerem os que precisam de pão, tomamos a liberdade de recomendar o *capitalista mouquinho* a digna autoridade administrativa.

Sinais do *meluria*: Alto, magro, cara rapada, nariz de águia, olhar guicno... e *surdo* como uma porta!

Usa tamancos e quando vê uma moeda pela de contentamento!... Até dança!

Por acaso, na Policia, não haverá um salão de *baile* para empregar este mestre-sala?

E' pena!

O falso mendigo não ouve, é certo, mas dança na perfeição!

E' mesmo a Terpsicore em carne e osso!

Tal qual!

Agora pondo de parte o sorriso e falando muito a sério: Pedimos ao ilustre Administrador do concelho que, pelos meios que s. ex.^a tiver ao seu alcance, se digne informar-se se o sê Francisco Ribeiro de Miranda, morador no lugar da Venda, da freguesia de S. João da Ponte, que todos os sábados costuma vir aqui fazer a *feira*, é necessitado e surdo, pois, no caso afirmativo, desejamos contribuir para que, sem perda de tempo, lhe seja concertada a trompa de Eustachio; e se realmente fôr um intrusão, como nos garantem, que o Miranda seja pôsto fora de barreiras e que vá passar o *conto do vigário* ao diabo que o carregue.

A pedir um *tostãozinho* e a emprestar notas de quinhentos!... Quem é que nesta altura tem quinhentos escudos para emprestar?!

Só o *schá* da Pérsia! Não. Aqui há marosca!

Abade João Cândido

Na igreja da Misericórdia, foi celebrada, ante-ontem, às 11 horas da manhã, uma missa em sufrágio da alma do rev.^o João Cândido da Silva, antigo e prestimoso abade de Vila Nova de Sande, que entre nós contava, pelas suas excelsas virtudes, pelo seu excelente carácter e delicado trato, ameadas e gerais simpatias.

Ao religioso acto, que foi celebrado pelo venerando Cônego Alberto da Silva Vasconcelos, amigo dedicadíssimo do saudoso abade João Cândido da Silva, assistiram algumas senhoras e grande numero de cavalheiros.

Rua do Gil Vicente

Começaram já as obras na rua de Gil Vicente, o que muito virá contribuir para embelezamento da cidade.

Regosijamo-nos em dar esta noticia.

Ecos da Semana

Boletim da Sociedade

Tem estado gravemente enfermo o antigo negociante desta praça, snr. Francisco Guedes Junior.

—Além de se submeter a uma operação, está no Porto o industrial snr. Raul Rocha.

—Tem sentido algumas melhoras o distinto veterinário municipal, sr. Dr. Augusto Joaquim de Barros.

—Regressou do Algarve o snr. José Gilberto Pereira, incansável membro da Comissão do Turismo.

—Partiu para Fernando Pó o nosso estimado conterrâneo sr. Manoel Marques.

—Da capital regressou o snr. Francisco de Faria, activo solidador desta comarca.

—Está um pouco melhor da sua doença o estimado proprietário snr. Abilio Fernandes Guimarães.

Bispo de Angra

Do Porto, onde tem estado em tratamento da sua saúde profundamente abalada, deve regressar aqui, por estes dias, s. ex.^a rev.^{ma} o snr. D. Guilherme da Cunha Guimarães, venerando Bispo de Angra do Heroísmo.

Simão Costa

Está gravemente enfermo este nosso prestimoso conterrâneo, a quem a Corporação dos Bombeiros Voluntários deve os mais relevantes serviços.

Fazemos os mais ardentes votos pelas suas melhoras.

Alfredo Guimarães

Tem passado doente o snr. Alfredo Guimarães, distinto director do Museu Alberto Sampaio e que nos tem dado a honra da sua brilhante colaboração.

Dr. João R. dos Santos

Regressou de Lisboa, onde foi tratar de assuntos respeitantes a Guimarães, o ilustre presidente da Câmara Municipal, snr. dr. João Rocha dos Santos.

Abade d'Anta

Na passada sexta-feira realizou-se, na igreja dos Santos Passos, a primeira conferência quaresmal pelo rev.^o Abade d'Anta, que deixou no numeroso auditório a mais agradável impressão.

«Sol da nossa terra»

E' o título duma formosíssima peça, em verso, da autoria do nosso prezado conterrâneo e maviioso poeta snr. Delfim Guimarães, a qual brevemente deve subir à cena em récita de caridade.

Foot-Ball

No campo de *Bentheval* realizou-se ontem o encontro entre o Sportig Club de Espinho (Campeão de Aveiro) e o Victoria Sport Club, desta cidade.

O desafio terminou com a Victoria de 2-1 a favor do Sportig Club de Espinho.

A assistencia foi numerosa.

No proximo domingo referir-nos-hemos, a este encontro.

Exposição de Fotografias

A convite do sr. Manuel Machado, proprietário da Fotografia Beleza, visitamos a sua exposição da Fotografias, realizada no estabelecimento dos srs. Benardino Jordão e Filhos, no Passeio da Independencia, onde colhemos as melhores impressões.

Vimos expostas várias ampliações dignas de elogio, que foram muito apreciadas pelas pessoas que visitaram a exposição.

Desastres

Morto — Feridos

Na passada segunda-feira quando os lavradores Francisco Luís, João de Freitas e António «O almas» andavam tirando sabro duma saibreira, no lugar de Matos, da freguesia de Santa Marinha da Costa, deste concelho, a mesma desmoronou, soterrando-os.

Aos gritos de socorro apareceram várias pessoas que trabalharam activamente na salvação dos trez operários.

Porém, o João de Freitas, um moço que completava naquela dia 16 anos de idade, foi retirado já cadáver. Os outros foram imediatamente conduzidos ao Hospital, em estado grave.

Duas horas depois da triste ocorrência compareceu no local o sr. Delegado de Saúde com as autoridades, procedendo-se ao levantamento do cadáver.

* *

No lugar da Vaca Negra, freguesia de Urgêzes, deste concelho, o moto-ciclista José Augusto Ribeiro de Abreu, proprietário, residente em Gondar, também deste concelho, atropelou fortemente o menor Joaquim de Oliveira, de 11 anos, filho de António da Silva, do lugar do Monte, da referida freguesia, o qual foi pensado no Hospital da Misericórdia de Guimarães.

Tribunal Judicial

DISTRIBUIÇÃO DO DIA 11

Escrivão, Oliveira

Inventário orfanológico por óbito de António de Oliveira, de S. João de Airão.

Idem, idem, por óbito de Artur de Souza Mascarenhas, de Gonça.

Escrivão Rodrigues

Inventário orfanológico por óbito de José de Oliveira, de Creixomil.

Idem, idem, por óbito de José Pinto de Souza e Castro, de S. João das Caldas.

Escrivão Lopes

Inventário orfanológico por óbito de Maria Gomes, de S. João das Caldas.

Idem, idem, por óbito de Ana Alves Corrêa, de S. Lourenço de Sande.

Escrivão Baptista

Inventário orfanológico por óbito de António Fernandes, de Santa Maria de Airão.

Carta precatória para penhora, extraída da execução comercial contra Manuel Leite de Faria.

Missa do 30.º dia

Na Basílica de S. Pedro foi ontem mandada celebrar, por um grupo de empregados do comércio, uma missa em sufrágio da alma do seu inditoso colega José Marques Ferreira.

P.º Gaspar Roriz

Infelizmente, é muito grave o estado de saúde deste nosso querido conterrâneo.

E' grande o numero de pessoas que diariamente vão á sua residencia informar-se da marcha da doença.

Falecimento

D. Cristina Martins

Com grande e distinta assistencia, realizou-se, na passada segunda-feira, na igreja da Colegiada, o officio funebre pela alma da veneranda snr.^a D. Cristina Martins de Queiroz Montenegro.

Recebeu a chave do caixão o snr. capitão João Gomes de Abreu Lima, sobrinho da saudosa extinta.

O cadáver foi acompanhado até ao cemitério, onde ficou depositado em jazigo, por grande numero de cavalheiros das relações da família dorida.

A missa do 7.º dia, celebrada na mesma igreja, foi muito concorrida.

Vida católica

Principiaram, na passada 6.ª feira, às 20 horas, no templo dos Santos Passos, as conferências quaresmais que são feitas pelo illustrado abade de Anta; e ontem, tiveram também o seu início as de S. Francisco, às 15 1/2 horas, sendo conferente um padre redentorista.

Missa do 7.º dia

Perante numerosa e selecta assistencia, celebrou-se na passada quinta-feira, no templo de Nossa Senhora da Oliveira, a missa do 7.º dia por alma da snr.^a D. Noémia Caldas.

Mercado semanal

No último mercado semanal, realizado sábado passado, vendeu-se o milho a 13\$900 e o centeio a 14\$500, o alqueire.

Escola de Mesão Frio

Vão muito adeantadas as obras da construção da Escola de Mesão Frio, cuja iniciativa pertence á Sociedade de Defesa e Propaganda de Guimarães.

Os alicerces sobem já a cerca de três metros de altura.

Folgamos em dar esta noticia.

Upa!... Upa!... Upa!...

Já se vêem por terra alguns plátanos da Avenida Cândido dos Reis, a fim de a vercação proceder immediatamente ao aformoseamento daquela artéria, sem duvida a mais movimentada de toda a cidade.

Quem, no entanto, continua a pé firme, no seu posto de glória, é o *palácio*!

Lá está firme como uma rocha!

Lá está todo impávido a *resmungar*... a dizer aos transeuntes, forasteiros e indígenas: «Vós que ides passando, olhai... examinai... e dizei-me se sou ou não a oitava maravilha do mundo!

A oitava?!

Upa!... Upa!... Upa!...

Que beleza douairoza!...

Que beleza graciosa!...

Que coisa tão harmoniosa no coração da nossa terra formosa!...

Os camarins do velho «D. Afonso Henriques»

Publicamos hoje uma anedocta do saudoso actor Augusto Rosa, grande mestre da com. portuguesa.

O caso passou-se há talvez quarenta anos.

Tenham a bondade de ler porque tem imensa graça, e digam-nos, depois, se temos ou não razão de estarmos sempre a dar carambolas no velho casarão.

Acóla, no *Gil*, lesmas nas paredes dos miseros camarins, e no *D. Afonso* há já quarenta anos eram precisos damascos para tapar as misérias.

E depois, os maldosos, ainda são capazes de dizer que somos nós quem inventa e que estamos constantemente a fazer *blague*.

Ora aí vai a *blague*.

Fala Augusto Rosa:

«Se muitas vezes os camarins que nos dão por essas terras fora são maus e pouco acaçados, também sucede que alguma; vezes—muito poucas, valha a verdade—pretendem as direcções decorá-los com esmero. Em Guimarães, por exemplo—o caso passou-se há muito tempo—entrei à noite no palco e dirigi-me ao camarim que o contra-regra me indicou. Qual não foi o meu espanto quando vejo um compartimento muito caudinho, com a porta guarnecida de sanefas de damasco vermelho agalado a ouro, a mesa da caracterização com um frontal de alcar e sua toalha de rendas, quatro castiçais de madeira dourada e algumas cadeiras e tamboretos de couro. Fiquei sem saber se devia ajoelhar-me e fazer a oração, ou começar a pintar a cara. Tinha medo de profanar o recinto, decorado com tanto respeito e que me parecia uma capela.

Disseram-me, depois, que a direcção incumbira o armador da igreja de enfeitar os camarins dos primeiros artistas, e o armador entendeu que a melhor, mais elegante e mais respeitosa maneira de o fazer era aquela».

Leram?

Há já quarenta anos que os referidos camarins precisavam que lhes encobrissem o seu aspecto funebre!

Pois hoje são precisamente os mesmos. Há mais de quarenta anos que usam a mesma *farpela*!

E' de mais!

Mas não julguem vossas excelências que dizemos isto por mal. Dizêmo-lo, tão sómente pelo muito amor que temos á nossa terra.

Queremos que Guimarães tenha um teatro decente.

Guedes de Oliveira

Quási á hora de fecharmos o nosso jornal, chegou-nos a triste e inesperada noticia do falecimento do conhecido e distinto jornalista Guedes de Oliveira.

A sua «Tribuna Livre» no «Primeiro de Janeiro» marcou um lugar de destaque no jornalismo português, sendo muito lida e apreciada.

O corpo redactorial do «Noticias de Guimarães», sentindo profundamente a morte do brilhante camarado, enviou ao «Primeiro de Janeiro» o seguinte telegrama:

«Noticias Guimarães» envia condolencias falecimento brilhante jornalista Guedes Oliveira.

A' familia do ilustre extinto deixamos aqui expresso o nosso profundo pesar.

Neve

O frio tem sido intensissimo nos últimos dias. Na noite de 13 caiu uma razoável camada de neve, aparecendo a Penha, ao amanhecer, toda coberta por um alvinitente lençol. A neve, cobrindo assim a ros.a formosa montanha, deu-lhe um aspecto deslumbrante.

A' ULTIMA HORA

A reunião dos accionistas do Teatro D. Afonso Henriques

Reuniram ontem á tarde, em Assembleia Geral, no salão nobre da Associação Comercial e Industrial, os accionistas do Teatro D. Afonso Henriques para resolverem a situação de sociedade da mesma casa de espectáculos.

Presidiu o sr. José Pinto Teixeira d'Abreu, secretariado pelos snrs: Manoel Caetano Martins e Alberto Gomes Alves.

Depois de lida a acta da ultima Assembleia Geral, realisada há já muitos anos, estabeleceu-se uma animada discussão entre alguns dos presentes.

O sr. A. L. de Carvalho, Delegado da Sociedade de Defeza e Propaganda de Guimarães apresentou a seguinte moção que foi aprovada:

MOÇÃO

A assembleia geral dos accionistas do T. D. A. H. reunida para dar vida legal á Sociedade que se constituiu há 79 anos para levar a efeito a construção de um edificio que fosse o *Teatro da Cidade*; interpretando o pensamento que determinou a organização da mesma Sociedade, que foi o de prestar um serviço a esta terra, correspondendo a uma das suas exigências culturais de centro urbano; tendo em vista que seria afrontar não só a memória dos precusores da «Sociedade do T. D. A. H.» mas igualmente não fazer justiça ao sentimento que moveu os 10 accionistas que, á face do art.º 10.º dos Estatutos da referida Sociedade requereram esta reunião,— com estes fundamentos parece ser legítimo e de boa razão que se antecipe um aplauso caloroso a quantos fortalecidos nos mesmos propósitos de prestar bom serviço á terra, aqui se congregam, não para especular o seu titulo de accionista, tornando simultaneamente válido um edificio que, talqual se encontra, material e administrativamente a ninguém aproveita e a toda a cidade afronta; vergonha de espectáculo que, em nome dos velhos foros desta nobilissima terra vimaranense é mister que acabe, para que se não possa dizer *por estas e outras coisas que se veem observando entre nós*.—que somos uma geração que *falhou*, por falta de abnegação colectiva, espirito de sacrificio, acendrado amor á terra!

A. L. de Carvalho

Em seguida procedeu-se á eleição dos corpos gerentes da Sociedade do Teatro D. Afonso Henriques, dando o seguinte resultado:

DIRECÇÃO

Efectivos — Alberto da Costa Guimarães, António José Pereira de Lima e João Teixeira Aguiar.

Substitutos — Benjamim Constant da Costa Matos, Guilhermino Augusto Barreira e Manuel Caetano Martins.

Inspector—Dr. Fernando Aires. Sub-inspector—A. L. de Carvalho.

CONCELHO DE VIGILANCIA

Efectivos — Alberto Vieira Braga, Eugénio da Costa Santos Vaz Vieira e José Jacinto Júnior.

Substitutos — Alfredo de Souza Felix, Egídio Alvaro Marques e João d'Almeida Bravo.

Após a eleição o sr. A. L. de Carvalho fez a seguinte proposta, que foi aprovada por unanimidade:

PROPOSTA

O § 2.º do art.º 166.º do Código Commercial, diz o seguinte: «Depois do integral pagamento das accções os interessados podem exigir que se lhes passem títulos ao portador, quando nos estatutos

(de qualquer Sociedade) não houver expressa determinação em contrário.

E como nos estatutos da «Sociedade do Teatro de D. Afonso Henriques» não há determinação expressa em contrário, pois apenas o seu § 3.º do art.º 19.º diz, que é a Direcção a quem compete fazer conversões ou averbamentos de accções emitidas; com estes fundamentos,

PROPONHO:

1.º—Que a Direcção eleita, para regularidade da situação anormal em que há dezenas de anos tem vivido a «Sociedade do Teatro D. Afonso Henriques», entre imediatamente no exercicio das suas funções.

2.º—Que esta, examinando previamente a autenticidade das accções que lhe forem apresentadas, e verificando a qualidade de legítimos possuidores a os seus representantes, converta as referidas accções em títulos ao portador, mediante declaração exarada na mesma.

3.º—Que para melhor defesa dos interessados, seja anunciado na imprensa que, durante o prazo de 30 dias, se dará cumprimento a esta proposta da conversão das accções em títulos ao portador.

A. L. de Carvalho

Foram propostas uma saudação á imprensa local que tem pugnado pelo melhoramento dum Teatro digno duma terra como a nossa, e ao incansavel lutador sr. Jerónimo Sampaio, que há anos vem sustentando, com muito brilho, na imprensa, a mesma campanha.

A assembleia aprovou ainda um voto de confiança aos novos corpos gerentes e ao sr. José Pinheiro que, por proposta apresentada, ficou agregado á nova direcção.

A reunião, que decorreu sempre muito animada e foi bastante concorrida, terminou por entre aplausos.

Confiamos na accção que vão iniciar os novos directores e fazemos votos, os mais sinceros, para que a mesma triunfe dentro em breve.

Trabalhem todos POR GUIMARÃES!

O "Noticias de Guimarães" no agrado publico

Pediram-nos, ultimamente, que os inscrevêssemos como assinantes do «Noticias de Guimarães» os seguintes senhores: Barros Pinheiro & Martinho, João da Silva Martinho e Professor Godinho, desta cidade; e Manuel da Veiga Aires de Gouveia, residente no Porto.

O sr. Armindo Guimarães, residente na mesma cidade, enviou-nos uma carta com palavras de incitamento e de louvor á nossa obra—gentileza que sinceramente agradecemos.

Os regatões

Chegam-nos uns certos zuns zuns a respeito dos regatões. No proximo numero falaremos.

Estamos vigilantes e desde já, podem ficar certos, conhecidos não moerão farinha.

Não fazemos a menor cerimónia em pôr tudo a descoberto.

O povo há-de ter quem o defenda de ganancia.

ARREMATACÃO

(1.ª PUBLICAÇÃO)

No dia 28 do corrente mez de Fevereiro, por 12 h ras, á porta do Tribunal Judicial desta comarca, e nos autos de execução de sentença commercial em que é exequente Alberto Pimenta Machado, casado, negociante, da rua Paio Galvão desta cidade e executada Antonia Pereira, da freguezia de Infias, desta comarca, se há-de arrematar pelo maior lance oferecido acima da sua avaliação o seguinte:

O direito e accção a dez octogésimas partes do campo de Leiras, terra lavradia com árvores de vinho, situada no lugar da Ribeira, na freguezia de Polvoreira, atravessada pela linha ferrea. Está descrita na Conservatória respectiva sôb o N.º 4325. Avaliada na quantia de 1.325\$00.

O direito e accção a dez octogésimas partes do campo da Capela, e junto um cerrado de leiras de terra lavradia com árvores de vinho e um pôco, tudo situado no lugar da Ribeira, da freguesia de Polvoreira. Está descrita na Conservatória respectiva sôb o N.º 4326. Avaliada na quantia de 800\$.

O direito e accção a dez octogésimas partes do campo de Godinhos de Baixo, terra lavradia com árvores de vinho, situado no lugar do Ribeiro, da freguezia de Polvoreira. Está descrito na Conservatória respectiva sôb o n.º 4328. Avaliado na quantia de 982\$30.

O direito e accção a dez octogésimas partes da Sorte de mato, denominada da Pedreira, com pinheiros, carvalhos e eucaliptos, situada no lugar da Pedreira, freguezia de Polvoreira. Está descrita na Conservatória respectiva sôb o n.º 4329. Avaliado na quantia de 150\$.

O direito e accção a dez octogésimas partes da Leira ou Campo do Bacêlo, terra de cultura com árvores avidadas, situada no lugar do mesmo nome, na freguesia de Polvoreira. Está descrita na Conservatória respectiva sôb o n.º 4331. Avaliado na quantia de 55\$.

O direito e accção a dez octogésimas partes do Casal do Balteiro, situado no lugar do mesmo nome na freguezia de Polvoreira, consta de campos de terra lavradia com árvores avidadas, denominados do Balteiro e do Godinho de Cima, com terrenos que produzem mato e lenha, tudo junto e unido e circuido por parêdes, sucalcos e regueira. Está descrito na Conservatória respectiva sôb o n.º 4332. Avaliado na quantia de 1.292\$50.

O direito e accção a dez octogésimas partes da Pro-

priedade chamada da Eira Velha, com todas as suas pertencas, situado no lugar assim chamado, freguezia de Santa Maria de Infias. Compõe-se de casas de pedra sobradadas e telhadas, com lojas, salas, quartos, cozinha terrea e telhada e seguindo para o lado do norte um bocado de terreno inculto com árvores de vinho e para o lado do sul um outro terreno de horta com árvores de vinho, fructa e no meio dêste terreno existe um pôco, tudo junto e unido. Está descrita na Conservatória respectiva sôb o n.º 9012. Avaliado na quantia de 1.250\$00.

O direito e accção a dez octogésimas partes da Propriedade composta de casas de habitação com sua cêrca de terras de horta com árvores de vinho e fructa, e ramadas. Está situada no lugar da Mata, freguezia de Infias. E' de natureza alodial. Está descrita na Conservatória respectiva sôb o n.º 21.393. Avaliado na quantia de 500\$00.

O direito e accção a dez octogésimas partes de um terreno lavradio, situado na freguezia de Santa Maria de Infias. Foi desmembrado do prédio n.º 5474 e descrito como situado na freguezia de S. Miguel das Caldas sôb n.º 8415, com a seguinte medição, confrontação e valôr: pelo lado poente tem 21 metros e 70 centímetros, pelo sul 355 centímetros, pelo nascente 17 metros e 34 centímetros e pelo norte 14 metros. Está descrita na Conservatória respectiva sôb o n.º 29.686. Avaliado na quantia de 18\$75.

O direito e accção a dez octogésimas partes das Casas de habitação de caseiros, com cozinha, eido, côrtes, eira de pedra, horta junta á mesma eira e as leiras de traz das barras, tudo junto e unido, situado na freguezia de S. Pedro de Polvoreira. Estão descritas na Conservatória respectiva sôb o n.º 31.993. Avaliado na quantia de 162\$50.

O direito e accção a dez octogésimas partes da Buça da Pedreira, terra de mato, carvalhos e pinheiros, sita na freguezia de São Pedro de Polvoreira, atravessada pela linha ferrea. Está descrita na Conservatória respectiva sôb o n.º 31.994. Avaliado na quantia de 66\$25.

O direito e accção a dez octogésimas partes do Prédio urbano, composto de uma casa, situada na Praça da Republica, da vila de Vilela, freguezia de S. Miguel das Caldas, desta comarca de Guimarães. Foi desmembrado do prédio n.º 2070, descrito no livro B. 11, fls. 123 v.º e está descrito na matriz predial sôb o art. 1073. Descrito na Conservatória respectiva sôb o n.º 38061. Avaliado na quantia de 1.250\$00.

O direito e accção a dez octogésimas partes do Prédio rustico, composto de um terreno sito no lugar da Primavera, limite e freguezia de Santa Maria de Infias, desta comarca. Foi desmembrado do prédio n.º 23.959, descrito no livro B-68, a fls. 164 v.º e está inscrito na matriz predial respectiva sôb o n.º 38.062. Aualiado na quantia de 18\$75.

Pelo presente são citados quaisquer crédores incertos da executada para assistirem á praça e nela deduzirem os seus direitos querendo.

Guimarães, 3 de Fevereiro de 1932.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,

Raul Alves da Cunha.

O escrivão do 1.º officio,

Agostinho da Costa Oliveira Bastos.

ÉDITOS DE 30 DIAS

(1.ª PUBLICAÇÃO)

No tribunal do comércio desta comarca e cartório do segundo officio, está pendente uma accção sumária proposta pela Comissão liquidatária do Banco Minho, para pagamento da quantia de 1.950\$00, montante de uma letra sacada em 28 de Maio de 1931 por Miguel Geraldo Guimarães, desta cidade, e aceite por Manuel José de Abreu Guimarães Junior, proprietário, que residiu na rua do Ameal n.º 1080, freguesia de Paranhos, da cidade do Porto, juros até completo reembolso, despesas do protesto da mesma letra e mais encargos legais, e bem assim para pagamento das custas, selos e procuradoria; — e na mesma accção correm éditos de trinta dias, que começarão a contar-se do dia em que se publicar o segundo e ultimo anúncio ácerca deste objecto, citando o réu, dito Manuel José de Abreu Guimarães Junior, actualmente auzente em parte incerta ou desconhecida para os termos da mencionada accção e para no prazo de dez dias, posterior ao dos éditos, impugnar, querendo, e, caso compareça e inugne, deverá ser definitivamente condemnado se na impugnação não negar a obrigação e provisoriamente se negar a obrigação mas não a firma.

Guimarães, 5 de Fevereiro de 1932.

O escrivão do 2.º officio,

Serafim José Pereira Rodrigues.

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito,

R. A. Cunha.

Pela Câmara DESPORTOS

A Comissão Administrativa da Câmara, em sua sessão de sábado, tomou, entre outras deliberações, as seguintes:

Subsidiar com 3.000\$00 a obra de alargamento do caminho, desde a estrada municipal do Pevidem ao Cemitério.

— Indicar para as comissões avaliadoras dos prédios urbanos os snrs: Manuel de Araujo Nobre, Fortunato Ribeiro Marques, João Alves de Almeida Araujo, Manoel Ribeiro Dias, Alfredo Oscar de Barros Ferreira, Avelino Dias, desta cidade; e José de Abreu Lopes, José Alcobia, José Ribeiro Dias e Adriano José de Araujo, das freguesias circunvisinhas.

—Mandar proceder à construção de 26 colunas para candieiros, com 3,05 de altura, para serem montados nas Ruas:—Dr. Abilio Torres e Ferreira Caldas, e mais 4, para 2 glóbulos, destinados, três, à Praça da República, e um, ao largo da Estação do Caminho de Ferro.

—Mandar retirar da fachada sueste do antigo Paço dos Duques de Bragança, por parecer da Comissão de Estética, as retretes que dão serventia ao aquartelamento militar.

—Fixar as barreiras da villa de Vizela, no Mata d'ouro, Casa da Ramada, Estação, toda a Rua Pereira de Freitas, Ponte de Páu, Mata, Venda-Nova, Tassó e Entroncamento.

—Tomou conhecimento do balanço do cofre municipal, relativo à semana finda em 30 de Janeiro, o qual acusa os seguintes saldos:

Em depósito na C. E. P.—121.000\$00; em dinheiro no cofre—76.3 2\$91.

—Foram afixados editais, mandando pôr em hasta pública, no dia 27 do corrente, pelas 15 horas, nos Paços do Concelho, a obra de conclusão de dois andares a sul do corpo principal da casa que foi de José Maria Leite, da Rua de S. Dâmaso, desta cidade, e sua adaptação a repartições públicas, sendo a base de licitação 10.600\$00.

Um melhoramento

Merece elogio a obra a que anda a proceder-se na Avenida que liga a Senhora da Guia com os novos Paços do Concelho.

Isto agora parece que vai. Oxalá!

Já era de mais tanta apatia.

As "pérolas" do Café Oriental

Numa das últimas noites apareceram iluminadas as pérolas do Café Oriental, mas foi luz de pouca dura.

A Nafrite disse ao Ramises que era preciso fazer economia e vai ele, záz! Suspendeu a almotolia.

Os homens de hoje, são uma sombra dos fortes batalhadores lusitanos; a raça dos lusos descaiu de tal forma, fisicamente, que hoje somos um povo de doentes, que doenças terríveis dizimam e enfraquecem. Seria possível hoje conquistar como antigamente a golpes de montante, esta Pátria tão querida? Não. A valentia e a coragem ainda existem mas a força física desapareceu. Já não somos os mesmos homens. A raça atrofiou-se. Um povo de guerreiros incansáveis resta-nos a História.

Os homens antigos eram fortes porque a arte da guerra os obrigava a ser. Os exercícios constantes com as pesadas armas, fazia da mocidade uns homens robustos e saudáveis, duma resistencia fisica a toda a prova. A criança ao dar os primeiros e incertos passos, já apoiava a corpiño débil ao punho duma espada, e assim, desde a mais tenra idade, a criança era educada no manejo diário d'essa arma, que a tornava forte e sadia desde o berço. Com o progresso, as antigas e valorosas espadas e mais armas, fazem a glória dos museus.

A inventiva humana sempre crescente e insatisfeita, cria armas mais mortíferas e de fácil manejo. A força humana, hoje em dia, para nada serve. O valor individual que antigamente á força de punho fazia heróis, hoje para nada servia. A espada ao lado duma pistola é um brinquedo inofensivo de criança. O progresso tem criado maravilhas, mas não estancou com o seu avanço a degenerência fisica do homem. O olvido a que foi deitada a saúde humana, é pasto inextinguível para as inúmeras doenças que a victimam. Entre nós, portugueses, essas doenças têm carácter de epidemias, assumindo proporções catastróficas. A tuberculose ceifa tamanha quantidade de vidas, cujos numeros fazem calafrios; a sífilis, o cancro, etc. são as doenças da moda. Para as combater, já antes da guerra de 1914, alguns paizes começaram por fazer reviver os antigos jogos atléticos da velha Grécia, para pela sua prática criarem individuos robustos e sadios, e uma nova qualidade de homens, assim feitos, profilariam uma raça mais forte e duradoura.

Passada a horrorosa guerra, onde baquearam milhões de homens, aonde nós portugueses sofremos também rude prova, os desportos tiveram um tão grande incremento, que não há no mundo paiz algum onde se não pratiquem com fervor. A guerra veio demonstrar a sua necessidade. As armas, cientificamente feitas, não podiam ser manejadas por individuos fracos, e a terrível vida das trincheiras, vida subterranea de toupeiras, dava cabo dos homens mais fortes e mais robustos.

A. F. J.

Candelabro

Continuam os dois... Os substitutos ainda estão na forja.

Estão e estarão, apesar da boa vontade que tem de modificar aquela iluminação o illustre vereador snr. dr. Ricardo de Freitas Ribeiro.

«Vi! Li! Ri!»

Este interessante semanário humorístico, de graça internacional, encontra-se á venda na «Casa das Novidades»—Rua da República.

«Vi! Li! Ri!» é, além de bem apresentado e cheio de graça, um jornal sem escabrosidades e pode entrar em todos os lares.

PELO CONCELHO

Vizela, 11

BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS

Toda a população vizelense conhece a corporação dos Bombeiros Voluntários.

Todos conhecem os beneficios que ela tem prestado á colectividade com o mais acendrado disvelo e o maior desinteresse.

Ninguém lhe cerceia encómios nem deixa de reconhecer os seus valiosos préstimos.

Os Bombeiros Voluntários, porém, não vivem só d'esse reconhecimento: necessitam por sua vez do auxilio da colectividade que servem com os olhos postos na fraternidade e solidariedade humanas.

Reconhecer-lhes a valia incontestável dos seus préstimos, é já, é certo, confortável auxilio, é já, na verdade, estimulante galardão; mas, a par d'esse conforto moral, os Bombeiros Voluntários não podem prescindir da assistência material, do apoio pecuniário.

Não basta embandeirar em arco quando a Corporação passa; é preciso, também, que cada um concorra com o seu óbolo — para uns, excrescências do supérfluo, para outros sacrificios dolorosos.

Assim como não basta também que se exalte o seu mérito, a sua utilidade, sómente quando as chamas empastam os prédios e sobe nos ares o fumo sinistro...

Não basta a gratidão ordena a constância dos favorecidos.

Como há-de cada um, porém, contribuir com o seu óbolo para a caixa de auxilio da nobre corporação?

Por intermédio das suas instituições municipais, competindo aos seus é-lis o votar e aprovar os subsídios imprescindíveis para a subsistência da benemérita corporação.

Visitamos, há pouco, as instalações dos Bombeiros Voluntários; e ficamos estupefactos, constangidos com semelhante espectáculo...

Na exiguidade e pobreza dos aposentos espelha-se bem a ingratidão e a falta de reconhecimento da vila inteira.

Não está certo. Urge que outra directiva se tome; pois, avilta a forma por que, até hoje, a população vizelense tem manifestado o seu agradecimento.

Não nos lembremos da Santa Bárbara, sómente quando ribombam frenéticos os trovões...

Não reconheçamos o mérito e exaltemos a Corporação apenas quando vimos a nossa propriedade em perigo ou as pessoas que nos são caras na eminencia de uma morte horrível.

Não. Bendigamos os que numa abnegação sem nome, num altruismo raro, acodem solícitos aos gritos cruciantes de socorro sem pensarem no sagrado altar dos seus lares em prol da colectividade.

Agradecemos de joelhos em terra áquelles que, sem remuneração alguma, se expõem com um denodo extraordinário aos desastres mais previsíveis.

E como devemos exprimir-lhes o nosso agradecimento, o preito sincero da nossa gratidão?

Contribuindo para que, neste momento, se forme um grande movimento de opinião na vila a favor do melhoramento dessa simpática corporação e do estabelecimento de garantias para os seus soldados que são os autênticos pioneiros do Bem.

FUNERAL

Fôram revestidas de grande imponência as derradeiras home-

nagens prestadas ante-ontem na freguesia de S. Miguel das Caldas á memória do saudoso Manuel Ribeiro, «O Natário».

O funeral, que foi civil, teve numerosa concorrência.

DOENTE

Na sua propriedade da vizinha freguesia de Santa Eulália de Barrosas, encontra-se de leito o snr. Joaquim Barbosa Cardoso, distinto fiscal da Companhia dos Banhos de Vizela e correspondente em Vizela para «O Primeiro de Janeiro».—C.

* *

Moreira de Cónegos, 9

CARNAVAL

Ao contrário dos anos anteriores, este ano a rapaziada da freguesia exhibiu-se bastante e em grande numero com os seus trajes carnavalescos, tendo percorrido a freguesia uns a pé e outros num automóvel que elegantemente adornaram para esse fim. Para despedidas, á noite organizou-se um baile em casa do snr. Ramiro de Freitas Lima, onde se bailou animadamente até altas horas da noite.

Os confettis inundaram o soalho do espaçoso salão.

Terminou por cada qual ir para suas casas triste de terem acabado as folias d'este dia.

MULHER COLHIDA PELO COMBOIO

Hoje, pelas 15 horas, quando circulava na linha um comboio extraordinário que há dias tem andado a conduzir terra para a conclusão de nova linha ferrea da S. da Flora á Trofa, e se colheu uma pobre moçoila que andava na margem da linha a cegar erva. A pobre rapariga era muda e como pouco ou nada ouvia, segundo informações que nos deram, deu pela aproximação do referido comboio e porque não estivesse bem ou tivesse medo tentou atravessar a linha, mas com tanta infelicidade o fez que foi apanhada, pela máquina sendo levada de roço alguns metros até que o comboio parasse. Os primeiros socorros foram prestados pelo Snr. Dr. Germano Pimenta, que se fez conduzir ao local no seu automóvel, mas infelizmente do nada serviu, pois a infeliz succumbia momentos depois. Até á hora a que escrevemos não foi possível saber a sua identidade.—C.

N. da R. — Por informações colhidas na Policia, sabemos que a victima deste horrível desastre se chamava Maria da Cunha, solteira, de 27 anos de idade.

O cadáver, após as formalidades legais, foi entregue á familia afim de lhe fazer o funeral.

SAÚDADES

VERSOS

de Euclides Sotto-Major

PREÇO: — 2\$50

PEDIDOS á Redacção d'este jornal

Assinal o

«Notícias de Guimarães»

Aos apicultores nacionais

O Decreto n.º 20 417, de 20 de Outubro de 1931, constituiu o primeiro passo dado em Portugal para fomentar e proteger a tão interessante quanto rendosa industria apicola.

Com este diploma pretendem os poderes públicos estimular e amparar, na medida das possibilidades, o entusiasmo dos apicultores já declarados e chamar ao campo da produção muitos outros que, embora grandes amigos das abelhas, ainda não se decidiram a trabalhar para a obtenção dos seus belos produtos.

O Governo pensando a sério na valorização de todas as nossas fontes de riqueza entende que a produção de mel,—pelas excepcionais condições culturais do nosso paiz para esta industria e pela excelência dos produtos obtidos (quando produzidos com conhecimento e consciencia)—é um valor que, embora modesto, não se pode, porém, deixar de perder.

Por isso se legistrou no sentido de dar novos horisontes a uma industria que, noutros tempos, despertou mais interesse do que hoje certamente desperta, mas que, em breve, marcará de novo um lugar de merecido destaque, porque assim o querem os apicultores portugueses.

* *

Não ignoram os poderes públicos que a causa fundamental da decadência da apicultura em Portugal reside na dificuldade, cada vez maior, de se obterem mercados vantajosos para os seus produtos. Não ignora também que para se poder fomentar, com sucesso, uma industria, necessário se torna promover, antecipadamente, a organização de mercados consumidores.

Nesta ordem de ideias se iniciará em breve uma grande propaganda em prol do consumo de mel no nosso paiz e as entidades competentes promoverão o estudo dos mercados externos para a colocação d'este belo produto.

Procurar-se-á fazer o que já-mais se fez em Portugal: chamar a atenção do grande publico para este valioso manjar—para a maioria quasi desconhecido—que reúne ás mais agradáveis qualidades sápidas um excepcional poder alimentar, aliado a excelentes propriedades terapeuticas. Nomes distintos de clinicos, apicultores e técnicos, porão em evidencia as virtudes do mel e exaltarão a necessidade do seu emprego normal na alimentação humana. Todos os meios de propaganda, desde a escrita e falada á radioteleonica e cinematográfica serão largamente utilizados.

A par e passo, organismos técnicos estudarão os mercados nacionais e logo que a produção evolucione de modo a poder marcar condignamente o logar a que tem jus, os mercados externos, por meio de solidos tratados, abrir-se-ão de par em par aos nossos produtos.

* *

Para o bom exito da iniciativa governamental necessário é que, num ambiente de entusiasmo, se completem os trabalhos de investigação a realizar pelos técnicos com a boa vontade e larga pratica dos apicultores nacionais.

Trabalhos de investigação e estudo, já-mais, oficialmente, se fizeram no nosso paiz. Far-se-ão agora, no organismo técnico, que é o Posto Central do Fomento Apicola.

Para facilitar a actividade dos praticos, dar-lhes meios e os amparar, criaram-se organismos locais de apicultores—as Comissões Regionais de Apicultura.

Finalmente, para dar unidade e comandar o desenvolvimento

apícola nacional, organizou-se a Comissão Central de Apicultura. Estes organismos serão constituídos por dedicados amigos das abelhas que se esforçarão, á porfia, para bem desempenharem os seus cargos, contribuindo para um breve resurgimento da Apicultura Portuguesa.

* *

O Ministério da Agricultura quiz demonstrar, claramente, o interesse que costuma dispensar aos assuntos que lhe estão pendentes.

Sendo a apicultura, pelo seu modo de ser, uma industria em que a cooperação tem o mais largo alcance, procurou fazer desenvolver o espirito do associativismo entre os nossos apicultores. Para isso se decretaram medidas tendentes a facilitar a organização de Sindicatos de Apicultura e como prémio para aqueles que primeiramente se resolvam a colaborar nesta patriótica iniciativa serão fornecidas gratuitamente 200 col-

meias a cada das 20 primeiras associações que se constituam até 30 de Junho de 1932.

* *

Longas vão estas notas em que se põem em justa evidencia os benefícios que para a apicultura nacional pôde acarretar o decreto do Fomento Apícola.

Para que o êxito seja completo, resta apenas que os nossos apicultores cooperem nesta obra com dedicação e entusiasmo identicos ao que animam os técnicos que o Ministério da Agricultura nomeou para seus colaboradores.

CASA

Aluga-se ou vende-se, sita na Rua de Francisco Agra n.º 149. Para tratar, R. Gravador Molarinho 39.

EDITAL

A Câmara Municipal do Município de Guimarães

Faz saber que no dia 27 do corrente mês de Fevereiro, pelas 15 horas, nos Paços do Concelho, tem de arrematar-se em hasta pública a obra de conclusão de dous andares a sul do corpo principal da casa que foi de José Maria Leite, sita na rua de São Damaso, desta cidade, e sua adaptação a repartições públicas.

Base de licitação: 10.600\$00

As condições estão patentes na Secretaria da Câmara para serem examinadas pelos interessados.

E para constar se passou o presente e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares mais públicos.

Paços do Concelho de Guimarães, aos 6 de Fevereiro de 1932. E eu, *Américo de Oliveira Durão*, Chefe da Secretaria da Câmara, o subscrevi.

O Presidente da Comissão Executiva,

João Rocha dos Santos

Leccionador

Professor oficial de instrução primária, residente nesta cidade, dispondo de tempo livre diariamente, das quinze ás dezoito horas, lecciona

instrução primária, princípios, ou exame do 2.º grau (programa); ou encarrega-se da explicação das disciplinas dos cursos do 1.º e 2.º anos do liceu. Tratar com o próprio no Largo do Toural n.º 52, das quinze ás dezassete horas.

Professora de piano

Diplomada pelo Conservatório Nacional de Musica do Brazil e com larga prática das orquestras do Rio de Janeiro.

Lecciona em sua casa ou em casa dos alunos.

Rua da Republica, 130
GUIMARÃES

Casa das Gravatas

43 - Rua da Republica - 47

Telefone, 188

GUIMARÃES

CHAPELARIA :: CAMISARIA :: GRAVATARIA

Completo sortido em meias e p.úgas, popel'es, malhas, guarda-chuvas, perfumarias, miudezas

O nosso melhor reclame são os nossos preços

REDE FORTE PARA VEDAÇÕES

No próprio interesse de V. Ex.ª, não comprem este artigo sem primeiro consultar o preço porque vende

A. J. FERREIRA DA CUNHA
com ESTABELECIMENTO DE FERRAGENS
na Praça D. Afonso Henriques, 38 — GUIMARÃES

Casa Rebelo

FAZENDAS BRANCAS
E MIUDEZAS

ARTIGOS DE NOVIDADE

117, Praça D. Afonso Henriques, 118

ESPECIALIDADE

GUIMARÃES

EM PANOS BRANCOS

Casa Hig-Life

Filial de BENJAMIM DE MATOS & C.ª, L.ª

MODAS E MIUDEZAS

Camisaria, Gravataria e Luvaria. Todos os artigos para bordar. Sempre novidades em tecidos de Lã, fantasia e sedas diversas. Sortido variado : Preços reduzidos : Vendas só a dinheiro

450, Praça D. Afonso Henriques, 452 — 4, Rua 31 de Janeiro, 7

Telefone, 280

GUIMARÃES

ALFAIATARIA

Ribeiro, Filho

9, Largo Franco Castelo Branco, 10

Sortido completo em fazendas para fatos e sobretudos

Telefone, 177

GUIMARÃES

CASA PIMENTA

33, Rua 31 de Janeiro, 37

Telefone, 180

Alberto Pimenta Machado

Os mais recentes novidades em lanifícios nacionais e estrangeiros.

Colossal sortido em casemiras de Coimbra.

Por motivo de balanço grandes abatimentos durante este mês.

Liquidam-se retalhos de casemiras a preços baratos.

Querem economisar dinheiro?

Consultem os preços desta Casa!